

INSTITUTO DE HUMANIDADES

CURSO DE HUMANIDADES

F I L O S O F I A

**RESUMOS E EXERCÍCIOS DOS
GUIAS PARA ESTUDO INDIVIDUAL E DE GRUPO**

**ANTONIO PAIM, LEONARDO PROTA
E
RICARDO VÉLEZ RODRIGUEZ**

APRESENTAÇÃO

O estudo da filosofia, para não se tornar esotérico, deve inserir-se no contexto histórico. Assim, ao chegarmos a esta Disciplina, já teremos passado em revista a formação e a trajetória da cultura ocidental e destacado a sua singularidade, bem como tomado contato com as principais obras relacionadas à Política, à Moral e à Religião. Trata-se agora de compreender a especificidade da filosofia, já que tem sido confundida, sobretudo com a religião.

A melhor definição de filosofia é a formulada pelos neokantianos em fins do século XIX e começos do seguinte: *tipo de saber que não aumenta o conhecimento científico e (complementada por sua caracterização como) método de estabelecimento do rigor conceitual.*

A filosofia estrutura-se a partir da *perspectiva filosófica*, ponto de vista último do qual se passa a lidar com a realidade. Com base nesse ponto de vista último, durante largo período determinados pensadores estabeleceram grupamento do saber acumulado na época correspondente, com a denominação do *sistema filosófico*. No século XX, os sistemas desapareceram de todo.

A filosofia completa-se pelos *problemas teóricos*. Estes é que animam o diálogo entre os filósofos e impulsionam o aprofundamento dos conceitos-chave. Na Época Moderna, a experiência tornou-se o magno problema filosófico. Através dos tempos, a noção de pessoa humana é outra questão que tem mobilizado múltiplas energias.

O estudo da filosofia da forma como se integra às humanidades facultará o conhecimento das principais obras, que a caracterizam, em muitos casos de autores com os quais adquirimos familiaridade, como Platão, Aristóteles, Locke, Hume e Kant, para mencionar apenas os principais.

SUMÁRIO

Objetivos

Síntese de conteúdo

I – CONCEITO E ESTRUTURA DA FILOSOFIA

Resumos

Exercícios

II – PLATÃO E ARISTÓTELES

Resumo

Exercícios

III – PRESERVAÇÃO DA PERSPECTIVA TRANSCENDENTE PELA ESCOLÁSTICA E O RENASCIMENTO COMO FASE DE TRANSIÇÃO

Resumo

Exercícios

IV – PRINCIPAIS LINHAS DA FILOSOFIA MODERNA

Resumo

Exercícios

V – A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Resumo

Exercício

Leitura suplementar

Respostas dos exercícios

Objetivos

- Compreender a especificidade da filosofia, notadamente o que a distingue da religião e da ciência.
- Adquirir familiaridade com aquilo que diferencia a filosofia antiga da moderna.
- Dar-se conta dos percalços experimentados pela obra dos antigos e o tardio interesse por sua interpretação estritamente acadêmica.
- Conhecer o objeto da filosofia e apreender o seu real significado.

Síntese do conteúdo

A Filosofia Moderna distingue-se radicalmente da Antiga, preservada na Idade Média pela Escolástica, ao inaugurar uma nova perspectiva filosófica e passar a conviver com a ciência como saber autônomo, sem dever-lhe qualquer subordinação.

Para apreender o sentido daquela evolução, tomaremos contato com a obra de autores selecionados, capazes de proporcionar uma visão de conjunto.

O roteiro antes apontado desdobra-se nos cinco textos seguintes:

I – CONCEITO E ESTRUTURA DA FILOSOFIA

II – PLATÃO E ARISTÓTELES

III – PRESERVAÇÃO DA PERSPECTIVA TRANSCENDENTE PELA
ESCOLÁSTICA E O RENASCIMENTO COMO FASE DE TRANSIÇÃO

IV – PRINCIPAIS LINHAS DA FILOSOFIA MODERNA

V – A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

I – CONCEITO E ESTRUTURA DA FILOSOFIA

Resumo

O conceito antigo de filosofia é devido a Aristóteles. Precisou avançar a sua definição na medida em que se propôs ordenar o saber acumulado na Grécia de seu tempo (século IV antes de Cristo).

Na *Metafísica* é definida de duas formas, a saber:

- 1ª) ciência das primeiras causas e dos primeiros princípios; e
- 2ª) o estudo do ser enquanto ser.

A Escolástica (a filosofia cristã da Idade Média) deu preferência à segunda definição.

O ser em Aristóteles pode ser interpretado de duas maneiras. Primeira: é aquilo que há de comum e válido para todos os existentes. Segunda: trata-se daquilo que poderia ser tomado como princípio de todos os outros. A Escolástica identificou-o diretamente com Deus.

A Filosofia Moderna rejeitou ambas as definições. Como é justamente nesse período que começam a estabelecer-se as filosofias nacionais, os ingleses avançam uma definição e os alemães, outra. Na Inglaterra aceitou-se que o objeto da filosofia seria a teoria do conhecimento, mais tarde restringindo-se ao conhecimento científico, batizado de *epistemologia*. Os alemães aceitaram que se ocupa da forma como se constituem os diversos tipos de saber, primeiro da objetividade científica, seguindo-se a moralidade, a religião etc. Além disso, supunham que o conhecimento assim adquirido poderia ser ordenado num sistema. Os ingleses recusaram a possibilidade do sistema.

A Filosofia Contemporânea deu novos passos na precisão do conceito de filosofia. A definição melhor sucedida é a dos neokantianos: tipo de saber que não aumenta o conhecimento científico, complementada por sua caracterização como método de estabelecimento do rigor conceitual, a que Hegel chamou de “pensamento do pensamento”.

A filosofia estrutura-se em torno da perspectiva filosófica, ponto de vista último; do sistema, que se propõe organizar o saber a partir de um princípio único; e dos problemas, que sempre requerem aprofundamento.

São duas as perspectivas filosófica existentes: a admissão de que aquilo que aparece não se sustenta, requerendo um suporte a ser descoberto, que se denomina de perspectiva transcendente; e o ponto de vista oposto, isto é, admissão de que só temos acesso àquilo que aparece, que se denomina de perspectiva transcendental. Não há um critério, válido para todos, que determine a escolha de uma ou outra.

Os sistemas não são duráveis. Contemporaneamente desapareceram de todo.

Os problemas é que possibilitam o desenvolvimento da filosofia. Instigam os pensadores a não se dar por satisfeitos e a prosseguir na busca.

Exercícios

Indique qual a resposta que melhor atende à questão proposta.

1. A Filosofia Moderna recusou ambos os conceitos de Aristóteles
 - A. por faltar-lhes coerência lógica
 - B. por imposição da Reforma Protestante
 - C. devido a que obscurece a especificidade da filosofia
 - D. pela má qualidade da tradução de seus textos

2. A definição da filosofia como epistemologia é insuficiente
 - A. por ser incompleta já que o conhecimento científico não abrange todas as esferas do real

 - B. porque deixa de fora as criações da filosofia grega
 - C. na medida em que recusa a teologia
 - D. porque não foi aceita em todos os países

3. A tese de que o conhecimento filosófico não aumenta o conhecimento científico
 - A. explica-se por se tratar de simples especulação sem objetivos
 - B. não se aplica a toda espécie de filosofia
 - C. só tem aplicação no pensamento medieval
 - D. decorre do fato de que não pode tornar-se operativo

4. A escolha da perspectiva transcendente ou da perspectiva transcendental
 - A. depende dos objetivos que se atribui à filosofia
 - B. foi satisfatoriamente solucionada por Fichte
 - C. corresponde a alternância segundo as épocas
 - D. está na dependência do desaparecimento de uma ou de outra.

II – PLATÃO E ARISTÓTELES

Resumo

A filosofia é uma criação da Grécia Antiga. A Europa Ocidental tomou conhecimento dessa criação muito tardiamente, na segunda metade do século XII e primeira do seguinte. Como Santo Agostinho louvara-se de uma interpretação religiosa do platonismo, Aristóteles torna-se a grande novidade e a preocupação então surgida foi a de batizá-lo e colocar sua obra a serviço do cristianismo. Mais tarde, durante o Renascimento, aparece o interesse no conhecimento direto de Platão, sem que o espírito da abordagem se tivesse alterado. Trata-se agora de ver que sugestões desse filósofo servem para combater o monopólio do saber alcançado pela Cúria Romana, monopólio que se apoiava na interpretação cristã de Aristóteles.

Na Época Moderna deu-se uma nova recusa da Escolástica devido à sua resistência em reconhecer a ciência moderna. E, mais uma vez, Aristóteles é o grande inimigo a combater.

De tudo isto resulta que somente nos séculos XIX e XX procurou-se reconstituir a história da filosofia grega de um ponto de vista estritamente acadêmico. Basicamente concluiu-se que houve uma primeira onda de difusão daquela filosofia no chamado período helenístico, quando Alexandre e depois Roma estabelecem o domínio sobre o Mediterrâneo. Nessa fase, o pensamento grego sofre a influência das religiões orientais, sobretudo do judaísmo. De modo que nos primeiros séculos de nossa Era o que se conhece e cultiva da filosofia grega é o platonismo, adaptado à religião, e o estoicismo, uma filosofia moral secundária na Grécia Antiga.

Do ponto de vista em que nos situamos, isto é, da cultura geral, o importante é 1º) ter uma idéia dessa variedade de interpretações, decorrentes dos percalços históricos; e, 2º) adquirir um mínimo de familiaridade com a obra de Platão e Aristóteles, reconstituídas de modo acadêmico.

Nas disciplinas anteriores tivemos oportunidade de tomar conhecimento da história e da cultura da Grécia e de Roma Antigas; informar-se da maneira como se discutiu a política, notadamente através de Platão, Aristóteles e Cícero e, no que se refere à moral, o texto clássico de Aristóteles, *Ética a Nicômaco*. De modo que, agora trata-se de complementar essa visão tornando claro em que consistiria o entendimento da filosofia.

Em síntese, Platão criou uma perspectiva filosófica, ponto de vista último a partir do qual iria considerar a realidade. A tese central dessa perspectiva é a seguinte: o que aparece, aquilo que percebemos, não tem sustentação própria. Concordando com essa colocação, Aristóteles formulou um procedimento através do qual seria possível, sem intuições místicas, chegar àquela realidade última do segmento correspondente da realidade.

Aristóteles classificou o saber, criando a lógica que se ocupa da formalização do raciocínio. Procurou ordenar os fenômenos físicos. No estudo do homem, separou o psiquismo (psicologia) do corpo (biologia), arrolando-o nesta última entre os animais conhecidos. E, finalmente, delimitou as disciplinas filosóficas propriamente ditas, a Metafísica (estudo das causas e do ser); a Física (estudo do movimento); a ética (estudo da moral e dos costumes), a Política e a Economia.

Para bem situar o seu entendimento da filosofia – que acabou marcando uma grande presença na cultura ocidental, ainda que a serviço da religião – é essencial tomar

conhecimento do conteúdo de dois livros que estabelecem aquele entendimento: *Metafísica e Física*.

O principal esforço de Aristóteles está direcionado para alcançar o máximo de generalidade. Tratando das causas dos eventos, está interessado em saber o que se pode dizer das causas em geral. Achando-se o mundo povoado de seres, não se detém nessa constatação. Quer saber o que se poderia dizer do ser em geral.

A categoria fundamental do mundo físico é o movimento. Assim, o objeto da Física é o *ser enquanto móvel*. É importante ter presente a inversão que a ciência moderna fez da física aristotélica. Esta cuida da causa do movimento. A física moderna trata da *mudança de movimento*. Quer medir essa mudança.

Na ordem da exposição de Aristóteles, a metafísica vem depois da física. Assim, irá ocupar-se da causa e do ser tomados no máximo de generalidade que possa entrever.

Exercícios

Indique qual a resposta que a seu ver seria a correta.

1. A elaboração conceitual na Grécia foi entendida
 - A. como retórica destinada à argumentação na *ágora*
 - B. como diletantismo a ser aplicado nas reuniões sociais
 - C. como definição rigorosa e máxima generalidade
 - D. como procedimento iniciático nas maiores seitas

2. Sem referência à hierarquia, o processo de ordenação do saber, empreendido por Aristóteles, pode ser entendido
 - A. como achando-se subordinado à *Ética a Nicômaco*
 - B. como tendo no centro a *Física* seguida da *Metafísica*
 - C. como busca da felicidade, a partir da Política
 - D. como encontrando-se no *Organon* o princípio do **Corpus Aristotelicum**

3. A **substância** corresponde à categoria fundamental na filosofia grega
 - A. na medida em que sustenta o que aparece
 - B. por exigir uma intuição mística, única aceita pela sociedade
 - C. por encontrar-se mencionada em Homero
 - D. devido ao fato dessa tese ser proveniente de Sócrates

4. Na Física aristotélica, ao contrário da física newtoniana, as substâncias
 - A. podem ser percebidas a olho nu
 - B. dependem da classificação segundo seu peso atômico
 - C. não podem ser combinadas
 - D. distinguem-se umas das outras por suas qualidades

III – PRESERVAÇÃO DA PERSPECTIVA TRANSCENDENTAL PELA ESCOLÁSTICA E O RENASCIMENTO COMO FASE DE TRANSIÇÃO

Resumo

A Escolástica é a denominação da filosofia dominante na Idade Média. Compreendia todo o saber existente, sob a égide da teologia. O método de transmissão desse conhecimento era o das **disputationes**, isto é, o preceptor apresentava uma tese cuja solução era buscada sucessivamente. A partir de São Tomás, o saber escolástico foi ordenado com base em Aristóteles.

O método escolástico apoiava-se exclusivamente no raciocínio dedutivo e recusava toda invocação de casos isolados, provenientes da experiência, a partir dos quais seria necessário recorrer à indução para o estabelecimento da correspondente generalização.

À filosofia não cabia nenhuma função específica salvo fornecer o arcabouço com base no qual se difundiriam os dogmas do cristianismo.

Dois são os expoentes do período medieval: Santo Agostinho e São Tomás, o primeiro apoiando-se no platonismo religioso e, o segundo no aristotelismo que foi dado a conhecer pelos árabes. Ambos defendem o livre arbítrio no homem mas deixam-no num tal grau de dependência da graça divina que não chegou a ser considerado um valor, predominando a tese de Inocêncio III que o situava mesmo abaixo dos vegetais.

O Renascimento corresponde a uma releitura das obras da Antigüidade, de que se tinha conhecimento desde a segunda metade do século XII. Sua principal contribuição reside na tese de que o homem, pela intensidade do conhecimento, de que é capaz, equipara-se à divindade. Esta somente o supera na extensão que pode dar àquele conhecimento. A pessoa humana é pois um valor.

O Renascimento não conseguiu proporcionar impulso suficiente para originar o que caracteriza a Filosofia Moderna como algo de plenamente autônomo.

A morte de Giordano Bruno na fogueira, em 1600, simboliza a recusa da Cúria Romana de qualquer concessão no seu ilimitado poder de imiscuir-se nas questões temporais.

Exercícios

Indique qual a resposta que atende á questão proposta.

1. Ainda que haja obscurecido a especificidade da filosofia, a Escolástica proporcionou
 - A. adequado entendimento de Platão e Aristóteles
 - B. a abertura do caminho que levou á ciência moderna
 - C. o grande florescimento artístico dos séculos XV e XVI
 - D. amplo desenvolvimento da elaboração conceitual

2. No que se refere à pessoa humana, Santo Agostinho e São Tomas
 - A. advogam o **servo arbítrio**
 - B. regrediram às noções greco-romanas
 - C. preservaram o livre arbítrio porém dependente da graça divina
 - D. reincluíram-na no conceito de "povo eleito"

3. No plano filosófico, a contribuição fundamental do Renascimento consiste
 - A. no estabelecimento da autonomia da ciência em relação à filosofia
 - B. em haver transformado a pessoa humana num valor
 - C. na difusão do conceito de moral social
 - D. no método científico para estudo da história

4. Diz-se que o Renascimento constitui uma fase de transição
 - A. por não haver levado à formação da ciência e da moral modernas
 - B. por ter se limitado à renovação das artes plásticas
 - C. por não ter alcançado nova ordenação do saber com base no método científico
 - D. por não haver impedido a Reforma Protestante

IV – PRINCIPAIS LINHAS DA FILOSOFIA MODERNA

Resumo

A Filosofia Moderna é a meditação que se erige a partir de determinados fatos culturais.

O primeiro deles corresponde às descobertas marítimas, que suscitam o problema da **experiência**. A Filosofia Medieval desenvolveu sobretudo o conceito. As **disputationes** davam-se para ser alcançada a maior precisão conceitual, a identificação de todos os ângulos possíveis segundo os quais o tema em debate poderia ser encarado. Mas nessa disputa a ninguém ocorria invocar experiências, exemplos singulares etc. As descobertas exigiram o abandono da *Geografia* de Ptolomeu, que gozava da máxima autoridade. Dizia-se então que “mais vale quem viu grande parte do mundo”.

A partir disto, ao longo do século XVII formou-se uma nova física, que derrocava tanto a física de Aristóteles, que era parte integrante do saber escolástico, como a própria visão que a Igreja Católica tinha do Universo. A nova ciência é perseguida pela Igreja mas encontra ambiente favorável a sua constituição na Inglaterra, que se tornara o principal país protestante, já que a Alemanha ainda não se unificara e a França, que parecia encaminhar-se na direção da Reforma, ficara a meio caminho.

A nova física substituíra integralmente a Filosofia Antiga, desenvolvida pela meditação escolástica? Ou ainda sobreviveria a Filosofia? Neste caso, qual o seu objeto? A nova física fornecia o modelo para a filosofia renovada? Eis alguns dos problemas suscitados pelo curso histórico e que iriam transformar completamente a filosofia.

Finalmente, um outro evento cultural que trazia implicações para a meditação filosófica era a própria Reforma Protestante. A nova religião, que se alastra pela Europa, contesta a moralidade tradicional em questão nucleares. Tratava-se de averiguar se isto implicava em sua simples revogação ou se o problema se resumia apenas à busca de novos fundamentos.

A evolução cultural suscita portanto estes problemas filosóficos basilares: o do **conhecimento**; o da **ciência** e o da **moralidade**.

Em resumo, a Filosofia Moderna caracteriza-se sobretudo pela presença das seguintes linhas de desenvolvimento: 1ª) a que pretende reduzir a meditação filosófica a uma inquirição sobre o conhecimento. Nessa fase, “trata-se sobretudo de proceder-se a descrições do processo do conhecimento.” Mais tarde – notadamente no período contemporâneo – restringe-se o objeto ao conhecimento científico e a disciplina denomina-se **epistemologia**; 2ª) a constituição da perspectiva transcendental na obra de Kant, que dá nascedouro ao idealismo alemão, onde se destacam Fichte (1762/1814) e Hegel (1770/1831). Com essa meditação entroncam a obra de Karl Marx (1818/1883) e Soren Kierkegaard (1813/1855). Através do neokantismo, essa linhagem marcaria uma grande presença na Filosofia Contemporânea, porquanto daí decorrem a fenomenologia, o existencialismo e o culturalismo; e, 3ª) o espiritualismo, que se pretende, simultaneamente herdeiro da filosofia antiga e da tradição moderna, esta representada pelo cartesianismo e pelo racionalismo, em geral, que tem em Maine de Biran e Bergson (1859/1941) – este último já inserido na Filosofia Contemporânea – seus grandes filósofos.

O grande mérito da Filosofia Moderna consiste em haver possibilitado a plena diferenciação da filosofia em relação aos outros ramos do saber, em especial a religião e a ciência. O fato de que tal possibilidade haja sido entreaberta não significa naturalmente que haja desaparecido as filosofias que continuam confundindo-a com a religião. A par disto, há correntes que teimam em reduzi-la á ciência.

A orientação contida no texto permite estudar as obras mais representativas do período. Quem se disponha a fazê-lo basta organizar-se para tanto. O estudo de qualquer disciplina requer esforço para adquirir familiaridade com os conceitos que a estruturam. Nesse particular, o estudo da filosofia não apresenta maiores dificuldade que as encontradas quando se trata da física ou da matemática.

A exemplo das disciplinas precedentes, o estudo em apreço abrange determinados livros.

No texto encontram-se determinações essenciais acerca do *Ensaio sobre o entendimento humano*, de Locke, e do *Inquérito sobre o entendimento humano*, de Hume. Este último corresponde a texto relativamente enxuto, porquanto se trata de uma reelaboração justamente voltada para simplificar a consideração do tema. Inicialmente era parte da sua obra mais extensa (*Tratado da natureza humana*). Os que seguiram o Curso de Humanidades terão alguma familiaridade com esses autores, já que tivemos oportunidade de abordar outras de suas obras.

A *Crítica da Razão Pura*, de Kant, reveste-se de certa complexidade porquanto seu autor nela trabalhou durante muitos anos e não procurou apresentar suas idéias de forma clara. O próprio Kant assim o entendeu e elaborou um outro livro para tentar esclarecer o que seria essencial. O volume de que este texto é um resumo, contém Roteiro para o seu estudo inicial. Consiste na orientação por onde começar, com ênfase nos conceitos centrais em cada uma das partes em que se subdivide.

No que se refere ao espiritualismo francês, o essencial foi indicado na disciplina MORAL, quando do estudo da ética eclética. O seu principal representante na Filosofia Contemporânea (Henri Bergson) será considerado na Unidade subsequente.

Segue-se a *Ética de Espinosa*. Com o propósito de inseri-la no contexto próprio (espiritualidade judaica) a antecedemos com indicações do *Guia dos perplexos*, de Maimonides.

Segundo se referiu, o kantismo desdobrou-se no idealismo clássico, onde a figura central é Hegel. Fazemos preceder a apresentação de seu pensamento de uma idéia sumária da interpretação de Kant devida a Fichte, por ser este o ponto de partida de Hegel, mas consideramos desnecessário (para os objetivos presentes) o seu estudo direto. Quanto a Hegel, o volume contém indicação sumária de suas principais obras e sugestões quanto ao modo de estudá-las. Com o hegelianismo entroncam dois autores cujo estudo recomendamos: Kierkegaard e Marx. Quanto a este último, cujas idéias têm sido consideradas em outras disciplinas, procuramos inseri-la no contexto histórico da chamada esquerda hegeliana e fornecemos um roteiro para estudo do livro *A ideologia alemã*.

Exercícios

Indique qual a resposta adequada.

1. Facultando visão do mundo diferente da estabelecida (Ptolomeu), as descobertas marítimas
 - A. têm implicação filosófica ao levantar o tema da experiência
 - B. veio ao encontro da divisão do mundo aceita na época
 - C. retardou o estabelecimento da física moderna
 - D. mostrou a superioridade do conhecimento da civilização chinesa

2. Deixando a ciência, com a física moderna, de ser parte da filosofia
 - A. esta irá ignorá-la na ordenação do saber
 - B. cria-se um novo campo de investigação, o do conhecimento científico
 - C. o processo de ordenação do saber passa às mãos da ciência
 - D. estabelece-se a disputa entre os métodos científico e filosófico

3. A Reforma Protestante exige o reexame dos fundamentos da moral
 - A. na medida em que aparecem múltiplas igrejas
 - B. pela disputa entre as Igrejas Anglicana e Luterana
 - C. pelo desprestígio da Cúria Romana
 - D. ao exigir a volta ao texto original do Decálogo de Moisés

4. A perspectiva transcendental, criada por Kant
 - A. complementa a perspectiva transcendente
 - B. evidencia a impossibilidade de um ponto de vista último na filosofia
 - C. suscita ponto de vista diametralmente oposto à visão escolástica
 - D. seria refutada pela meditação hegeliana

V. A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Resumo

A Filosofia Contemporânea caracteriza-se pela superação da interdição positivista à investigação de natureza filosófica.

O Século XIX assistiu à plena consolidação do cientificismo, isto é, da crença de que a ciência ocuparia todos os espaços do saber. Esse prognóstico, expresso por Augusto Comte (1798/1857) em meados daquele século, parecia prestes a concretizar-se. Logo adiante, com a publicação de *A origem das espécies* (1859) passava-se a acreditar que o evolucionismo aplicar-se-ia aos mais diversos campos, desde o processo de formação do universo ao curso histórico da humanidade.

A reação tem lugar, primeiramente, na Alemanha, nas últimas décadas do século com a emergência do movimento de volta a Kant, de que resulta uma corrente de filosofia que já seria a vertente dominante, na altura da Primeira Guerra Mundial.

Também na França, o cientificismo é confrontado por uma filosofia espiritualista, o bergsonismo, e pelo renascimento da filosofia católica (neotomismo).

A própria evolução da ciência muito contribuiu para enfraquecer o ímpeto do cientificismo. Com a teoria da relatividade, que restringiu o campo de validade da física newtoniana, a descoberta de que o átomo não era indivisível e o entendimento de que o universo compunha-se de múltiplas galáxias – tudo isto acabou conduzindo a ciência na direção oposta à de proporcionar uma visão unitária do mundo.

Na nova circunstância, multiplicam-se as correntes de filosofia. Do neokantismo saem o culturalismo, a fenomenologia e o existencialismo. A própria filosofia católica diversifica-se.

Na segunda metade do século XX a filosofia assume aquela feição que aparece com a Filosofia Moderna, isto é, o interesse diversificado segundo os países. Temos agora uma filosofia específica do mundo anglo-saxão, com evidente disputa entre as visões inglesa e norte-americana. A França torna-se reduto do cientificismo mas enfrenta resistência do racionalismo equilibrado. Na Alemanha não desaparece a ambição de reconstituir-se o sistema filosófico. No mundo da língua portuguesa são divergentes as preferências da filosofia cultuada no Brasil e em Portugal.

O fato dessa diversidade não faz desaparecer a universalidade da filosofia como o demonstra brilhantemente o filósofo brasileiro Miguel Reale (nascido em 1910) em sua obra *Experiência e cultura*.

Exercícios

Indique qual a resposta adequada.

1. A grande diversidade existente na Filosofia Contemporânea
 - A. resulta da interferência dos governos no ensino
 - B. advém da grande tradição aristotélica
 - C. resulta do papel que os problemas ocupam no desenvolvimento da filosofia
 - D. provém do isolamento do culto da filosofia nas universidades

2. O aparecimento e o sucesso alcançado pelo cientificismo
 - A. contrapõe-se frontalmente ao espírito da investigação científica
 - B. corresponde a desfecho natural de seu próprio método
 - C. traduz a ambição recôndita dos próprios cientistas
 - D. decorre da prioridade atribuída à ciência nos orçamentos públicos

3. A prevalência das Filosofias Nacionais na Filosofia Contemporânea
 - A. é uma demonstração da busca de prestígio dos diversos governos
 - B. é uma característica limitada ao século XX
 - C. corresponde a simples derivação do nacionalismo
 - D. decorre do desaparecimento do sistema e do primado do problema

4. O papel insubstituível da filosofia expressa-se
 - A. na prioridade que geralmente lhe é atribuída na educação
 - B. na contribuição para o desenvolvimento do saber proporcionada pela teoria geral dos objetos
 - C. na classificação do saber aceita universalmente
 - D. na posição privilegiada que ocupa no movimento editorial

LEITURA SUPLEMENTAR

DESAPARECIMENTO DOS SISTEMAS E PERMANÊNCIA DOS PROBLEMAS

Leonardo Prota

1. Os problemas na base da reflexão metafísica, segundo Nicolai Hartmann

Nicolai Hartmann (1882/1950) foi quem primeiro assinalou o papel dos problemas na meditação filosófica.⁽¹⁾

Face à complexidade crescente do mundo atual, Hartmann considera que o pensamento sistemático ficou fora de jogo. Quem hoje pretendesse atingir o aspecto unitário do sistema, mediante a suposição de um grupo x de categorias, teria de violentar os vários campos do saber. Ofereceria uma unidade artificial, em contraste com a multiplicidade dos fenômenos que integram o mundo. "Explicar o espírito a partir da matéria, frisa o pensador na sua obra *Autoexposição sistemática*, ou entender a matéria a partir do espírito, o ser a partir da consciência; reduzir o organismo ao mecanismo ou fazer passar o acontecer mecânico por uma vitalidade encoberta, tudo isso e muito mais é hoje uma coisa impossível de se realizar. Isso contradiz já nos primeiros passos o que com segurança sabemos nos domínios especiais. O pensamento construtivo ficou fora de jogo".⁽²⁾

Hartmann insiste em que o pensamento sistemático percorre, nos dias de hoje, um caminho mais modesto. Longe das grandes construções do pensamento, que pretenderam ser erguidas de uma vez para sempre, os pensadores contemporâneos apelam para construções provisórias, que espelhem a problemática do homem e do mundo. Trata-se, portanto, já não de pensamento sistemático propriamente; tal forma de pensar deveria ser designada como *pensamento problemático*. Este, é bem verdade, não renuncia a chegar a uma visão de conjunto. A sua meta deverá sempre ser concebida como sistema. A diferença com o modo de pensar anterior radica em que a nova forma de encarar a realidade não antecipa o sistema. Pretende se deixar conduzir até o sistema, porquanto sabe que há uma conexão (gera) do mundo. Mas também sabe que os fenômenos não refletem diretamente essa conexão, que deve buscá-la primeiro na pesquisa diuturna da realidade. Os sistemas construtivos colocavam como fundamento um esquema antecipado do nexos do mundo. Não investigavam esse nexos, mas achavam que podiam conhecê-lo de forma intuitiva. Por isso tratavam de descobrir os fenômenos a partir dessa intuição, rejeitando tudo aquilo que não se ajustasse à pretendida intuição do cerne do sistema.

Hartmann não duvida em contrapor o pensamento sistemático construtivo ao que denomina de pensamento *problemático investigador*. Essas duas grandes linhas epistemológicas são claramente identificáveis na história da Filosofia Ocidental. Encontramos, no curso da meditação filosófica, autores mais afinados com a perspectiva sistemática, tais como Plotino, Proclo, São Tomás, Duns Scot, Hobbes, Spinoza, Fichte e Schelling. Outros pensadores aparecem mais próximos da visão problemática; tal seria, para Hartmann, o caso de autores como Platão, Aristóteles, Descartes, Hume, Leibniz e Kant. Mas em todos eles, de tendência sistemática ou problemática, a meditação filosófica emerge do chão dos problemas metafísicos, que são, afinal de contas, os ensejados pela perplexidade da mente humana face ao mistério do Ser. Em todos os grandes pensadores da Filosofia ocidental, encontramos, frisa Hartmann, uma grande fidelidade ao fundo problemático que

revela a perplexidade do *lógos* face ao real. Geralmente os sistemas fixam os aspectos secundários, portanto mutáveis, das respectivas concepções filosóficas, ao passo que os traços permanentes são legados pelos elementos problemáticos, decorrentes da apreensão do real e da essencial inadequação entre pensamento e realidade. "Em geral, escreve Hartmann, o morto e o simplesmente histórico pertencem ao pensar sistemático; pelo contrário, o supra-histórico e o vital pertencem ao pensar problemático puro. Nele se encontram as aquisições da história do pensamento".(3)

A dimensão problemática aparece de forma clara em Platão. O sentido profundo dos seus diálogos consiste propriamente em manter viva a problemática do conhecimento face ao real. Ao longo dos três últimos séculos houve uma tentativa de reinterpretação do platonismo, a partir de um arquétipo construtivista, mais afinado com as metafísicas dogmáticas da modernidade. Mas isso constitui um evidente falseamento da inspiração originária do grande filósofo grego. Para ele, a perspectiva de dúvida diante do saber consolidado era fundamental. Encarava como mitos as antigas cosmogonias e pretendia traduzir no linguajar do *lógos* as imagens plásticas das lutas dos deuses na origem de tudo. Mas estava longe de conferir uma uni-linearidade à sua concepção filosófica, como se uma pretensa sistematização da doutrina das idéias matasse, nele, o espírito indagador. É necessário recuperar, frisa Hartmann, a dimensão problemática da filosofia platônica, a fim de saber avaliar toda a sua criatividade. Platão permanece como foco inspirador da reflexão filosófica, justamente porque não se encerrou num sistema, mas porque soube manter viva a perplexidade diante do real.

É necessário, igualmente, recuperar a raiz problemática da meditação aristotélica. Os comentaristas esqueceram muitas vezes que o núcleo dinâmico do pensamento do estagirita, era dado pela sua *aporética*, ou seja, pela possibilidade de colocar questões em aberto, mais do que pela dimensão sistemática, mais afinada com uma entropia escolástica. A dimensão problemática age como núcleo inspirador tanto da ciência como da metafísica no pensamento de Aristóteles. Certamente as categorias pensadas pelo estagirita podem ser questionadas, incluindo aí toda a crítica moderna à metafísica da substância. Mas a dimensão problemática do aristotelismo ainda está viva, na *aporética* pensada por ele.

Por que, se a tradição filosófica, já desde o pensamento grego, destaca a dimensão problemática como essencial, ela ainda não é valorizada por inúmeros pensadores? Hartmann considera que isso se explica por três motivos:

- a) em primeiro lugar, pela impaciência natural para descobrir soluções a qualquer preço;
- b) em segundo lugar, pela crença instintiva de que os problemas que não se podem resolver são filosoficamente inúteis;
- c) em terceiro lugar, pela confusão, que muitos fazem, entre conteúdos problemáticos e atitudes problemáticas e pelo desconhecimento do sentido objetivo de perguntas irrecusáveis.

Em relação ao primeiro motivo, a impaciência natural para descobrir soluções a qualquer preço, Hartmann considera que se trata de uma atitude muito humana, mas pouco filosófica. A pesquisa da verdade é caminho duro de ser percorrido, tanto em ciência quanto em filosofia. A verdade só se descortina, como a graça, perante aqueles que estão vazios de si mesmos, ou seja, perante aqueles que não fizeram barulho de construção de sistemas antes de a terem descoberto. É explicável que quem dedicou uma vida ao estudo da Filosofia queira colher, ainda neste mundo, os seus frutos. Mas muitas vezes estes são extremadamente modestos para quem aspira ao poder de aparecer como grande sistematizador do pensamento.

Busca da verdade e espírito de dominação não rimam. Muitos caem nas armadilhas da vaidade intelectual e terminam rendendo culto às modas do momento, justamente por essa afoiteza, filha da vaidade. Somente uma adequada perspectiva histórica, que nos coloca modestamente como elos de uma cadeia no desenvolvimento do *lógos* ao longo dos séculos, poderá nos levar a aceitar a necessária *modéstia epistemológica* necessária ao conhecimento da verdade. Ter a coragem de legar aos nossos discípulos problemas não resolvidos, mas que nós tentamos equacionar e formular de novo, é filosoficamente mais construtivo do que a elaboração de um sistema acabado de pensamento. Essa coragem é entendida por Hartmann como a única portadora do que ele denomina de *pureza do ethos filosófico*.⁽⁴⁾

Em relação ao segundo motivo, a crença instintiva de que os problemas que não se podem resolver são filosoficamente inúteis, Hartmann adverte para a contradição deste pressuposto, pois justamente é inútil, do ponto de vista da indagação da verdade, aquela pergunta que morre no seu nascedouro porque já foi resolvida. A história do pensamento ocidental mostra que o verdadeiro progresso advém da abertura à indagação e do questionamento às soluções já adquiridas. As ciências somente progridem na pressuposição da refutabilidade das leis vigentes. Algo semelhante acontece com a Filosofia. Os grandes problemas que impulsionaram, desde os pré-socráticos, a meditação ocidental, as questões da liberdade, da necessidade, da substância, da felicidade, do ser, do nada, sempre são recolocados e dão ensejo a inúmeros sistemas. Esses problemas agem como molas que impulsionam o pensamento ao longo dos séculos. Desaparecidas essas questões, morreria a dinâmica da razão. São aporias fundamentalmente insolúveis, mas que abriram a porta, nos vários momentos da história da Filosofia, para equacionar as soluções historicamente adotadas, sem que estas dêem por encerrada a questão. A verdadeira tragédia para a busca de soluções aos problemas humanos acontece quando alguém pensa que encontrou a solução definitiva e dá por finalizado o debate. Esse é o problema das ideologias no século XX. Esse é o drama dos dogmatismos, que no nosso século aparecem estreitamente vinculados aos totalitarismos.

Em relação ao terceiro motivo, a confusão que muitos fazem entre conteúdos problemáticos e atitudes problemáticas e o desconhecimento do sentido objetivo de perguntas irrecusáveis, Hartmann considera que os conteúdos problemáticos enquanto tais diferem radicalmente das colocações problemáticas. Estas últimas mudam de época para época e de pensador para pensador. As colocações problemáticas estão condicionadas tanto histórica quanto individualmente. Há problemas que são colocados num determinado momento histórico e que não poderiam ter sido colocados antes, embora os fenômenos nos quais se apoiam sempre tenham existido. A formulação das perguntas sempre está ligada a determinadas condições, a um certo enfoque do conhecimento, a um determinado estado do saber. Num específico estado de maturidade, o homem é empurrado a colocar essas questões pela experiência do *ser-aí* do mundo. Na colocação problemática enquanto tal não há liberdade absoluta do sujeito pensante. No entanto, frisa Hartmann, existe com certeza determinado espaço para a inquirição, no contexto do que aparece como questionável numa determinada época. Esse pequeno espaço é o responsável pela sensação de absoluta liberdade de questionamento, que termina alimentando a tremenda arbitrariedade da rejeição do problema nos sistemas construtivos. Enquanto a Filosofia não enxergar outra coisa do que os sistemas (e esta é a forma corriqueira de abordarmos a história da meditação ocidental), não enxergaremos os eternos e irrecusáveis conteúdos problemáticos. Assim, frisa Hartmann, "acontece que é necessária previamente uma reflexão especial sobre a linha histórica do

pensamento problemático, que se oculta por trás da fachada dos sistemas, para garantirmos aqueles conteúdos".⁽⁵⁾

Os eternos e irrecusáveis conteúdos problemáticos: esse é o ponto de partida da Filosofia. Ora, destaca Hartmann, esses eternos e irrecusáveis conteúdos emergem da consciência natural da realidade, que constitui um fenômeno básico e, enquanto tal, não pode ser impugnado. "Os fenômenos, escreve o pensador alemão, são sempre mais fortes do que as teorias. O homem não pode mudar os fenômenos; o mundo permanece como é, qualquer que seja o pensamento do homem sobre ele. O homem pode somente apreendê-lo ou errar em relação a ele".⁽⁶⁾

Levando em consideração estas observações, qual seria a adequada metodologia para apreender a realidade a partir da nossa experiência dos fenômenos, sem antepor os sistemas a essa apreensão fundamental? Hartmann propõe uma *progressão metodológica* para a razão, abarcando três passos:

- a) descrição fiel dos fenômenos;
- b) aporética ou estudo dos problemas enquanto constituem o incompreendido dos fenômenos, explicitando com clareza as aporias naturais; esse passo tem de ser dado em conformidade com o estado da inquirição respectiva;
- c) teoria, ou abordagem da solução das aporias.

Em relação à metodologia proposta, Hartmann anota:

“Essa progressão: fenomenologia, aporética, teoria, não pode ser abreviada. Os dois primeiros graus, tomados cada um em si, constituem um amplo campo de trabalho, uma ciência inteira. E precisamente porque nenhum dos dois é o definitivo e verdadeiro, recai sobre eles a maior ênfase. O seu campo de trabalho é aquele onde os sistemas construtivos têm pecado. Estes precisamente ficaram curtos demais. E justamente por isso as teorias repousavam sobre bases frágeis. Aqui é preciso criar fundamentos sólidos – não os fundamentos objetivos da teoria (que devem ser encontrados preferentemente só quando começa o estudo das aporias), mas os pontos de partida do conhecimento, enquanto deve ser algo mais do que simples descrição do encontrado anteriormente. No relativo ao terceiro grau, deve consistir num tratamento puro das aporias destacadas, e certamente com base no mesmo resultado presente nos fenômenos. Esse tratamento ou estudo não é mais do que uma solução das aporias. Somente pode tender em direção a uma solução. De antemão não pode dizer nem como resultará a solução, nem se alguma é possível absolutamente. O estudo das aporias é algo muito diferente quando pode se alicerçar num limpo trabalho prévio, realizado sobre o fenômeno e o problema, e quando parte sem mais de algo supostamente dado. Os problemas vistos com ingenuidade foram colocados na maior parte das vezes de forma inadequada, e atingem a realidade só de forma periférica. Pois a colocação problemática condicionada torna-se possível graças ao conteúdo problemático objetivo. Dessa forma misturam-se muitas aporias artificiais e as naturais são encobertas. Mas, antes de mais nada, somente depois de efetivado o trabalho da aporética, resulta possível dar novamente à teoria mesma o seu valor e sentido original.”⁽⁷⁾

Trata-se, como se pode observar, de uma metodologia que aspira a não pré-julgar acerca da realidade, deixando que o fenômeno primeiro se revele em toda a sua complexidade à razão, antes de partir, de maneira afoita, para uma construção conceitual acerca do mesmo, que porventura o deforma. Hartmann lembra, retomando a mais pura tradição grega no terreno da epistemologia, que teoria significa, antes de mais nada, contemplação do conjunto

conhecido. Não se trata, portanto, nem de doutrina nem de sistema. Estes poderão vir mais adiante, para tentar interpretar o fenômeno *contemplado*. Mas não podem se sobrepor a ele.

Esse respeito face à complexidade problemática do real é que constitui a base metafísica do pensamento moderno. A metafísica deve ser hoje, basicamente, *metafísica dos problemas*. Ela deve expressar esse conjunto de aporias que o real nos coloca, enquanto provenientes da raiz irracional do dado na experiência. Conjunto que sempre causa perplexidade no ser humano, que aspira a uma compreensão racional da complexidade dada. Essa radical inadequação entre a razão e o real-fenomenico é que é fonte de toda a problematicidade, a partir da qual se estrutura o discurso filosófico. A discussão de problemas tem, portanto, um fundo metafísico que não pode ser eliminado. Esse fundo metafísico é pressuposto, em primeiro lugar, da filosofia, mas também das ciências. As questões metafísicas apresentam-se em todas as esferas, por trás do dado, inclusive no terreno da lógica. As leis que comandam esta disciplina, aponta Hartmann, mostram-se carregadas metafisicamente, em alto grau. Daí por que o positivismo é fundamentalmente insuficiente para alicerçar a dinâmica do conhecimento humano, ao pretender banir a metafísica e a problematicidade que a acompanha.

2. A pesquisa filosófica a partir dos problemas, segundo Rodolfo Mondolfo⁽⁸⁾

O pensador italiano parte do pressuposto formulado por Hartmann no que tange à criação filosófica: a indagação racional por ela efetivada parte dos eternos problemas metafísicos que a humanidade sempre se colocou. "O ponto de partida de toda a investigação filosófica – frisa Mondolfo – sempre consiste de uma formulação prévia do problema, que se pode solucionar".⁽⁹⁾ Não é possível nenhuma pesquisa sem uma determinação prévia do seu objeto. A consciência filosófica deste fato é antiga. Mondolfo cita a respeito as seguintes palavras do diálogo *Ménon* de Platão: "E como procurarás, ó Sócrates, o que ignoras totalmente? E de todas as coisas que ignoras, quais te proporás a investigar? E se, porventura, chegares a encontrá-la, como saberás que é essa a que não conheces? – Compreendo o que queres dizer Ménon... Queres dizer que ninguém pode investigar o que sabe, nem o que não sabe; porque não investigaria o que sabe, pois já o sabe; nem o que não sabe, pois nem sequer saberia o que deve investigar".⁽¹⁰⁾ Como é sabido, Platão deu uma resposta a esta problemática apelando para a sua teoria da reminiscência: o conhecimento deste mundo imperfeito suscita em nós a memória de um mundo arquetipal, já conhecido pela nossa alma antes de ser trancafiada no cárcere do corpo. A procura que surge do conhecimento do imperfeito, conduz-nos a ampliar os nossos conhecimentos, pois como frisa Platão no citado diálogo "procurar e aprender, verdadeiramente, é sempre uma reminiscência".⁽¹¹⁾

Mondolfo, no entanto, acha que a reflexão platônica poderia ser reformulada prescindindo da teoria da reminiscência, nos seguintes termos: quando nos debruçamos sobre os nossos conhecimentos adquiridos, reconhecemos que há neles imperfeição, ou seja, eles não respondem a todas as nossas indagações. É aí que se instala o problema como ponto de partida da meditação filosófica. A respeito, escreve Mondolfo: "... na aquisição de conhecimentos e na reflexão intelectual, sempre acontece tropeçarmos com dificuldades que se baseiam no reconhecimento de faltas e imperfeições em nossas noções, cuja insatisfação, portanto, nos suscita problemas. E daí surge a investigação, isto é, pela consciência de um problema, cuja solução nos sentimos impelidos a procurar, estando justamente a indagação voltada para a solução do problema, que nos foi apresentado".⁽¹²⁾

O pensador italiano atrela o sucesso da investigação filosófica à clareza com que tenha sido colocado o respectivo problema. É o que os escolásticos chamavam de *status quaestionis*, que antecedia, na tradicional *Lectio*, à elaboração doutrinária. Em relação a este ponto, escreve Mondolfo: "... a fecundidade do esforço investigador é proporcional à clareza e à adequação da formulação do problema; de maneira que a primeira exigência imposta ao investigador é a de conseguir, da melhor maneira possível, uma consciência clara e distinta do problema, que constitui o objeto de sua indagação. Esta exigência é válida preliminarmente para qualquer espécie de investigação, porém o é, sobretudo, na filosofia, sendo a filosofia antes de mais nada – como já Sócrates o ressaltava consciência da própria ignorância, isto é, da existência de problemas que exigem o esforço da mente na procura de uma saída dessa situação de mal-estar e de insatisfação".(13)

A dimensão problemática da investigação filosófica insere-se, no sentir de Mondolfo, no contexto da perspectiva genética apontada por Vico ao afirmar que "a natureza das coisas é o seu nascimento". Em outras palavras, Mondolfo considera que "a constituição e essência de qualquer realidade encontra-se e revela-se, sobretudo, no processo de sua formação". Aplicando esse princípio à problemática da investigação filosófica, o pensador italiano frisa: "toda a investigação teórica que quiser encontrar seu caminho com maior segurança, supõe e exige, como condição prévia, uma investigação histórica referente ao problema, a seu desenvolvimento e às soluções que foram tentadas para resolvê-lo".(14)

Mondolfo não duvida em afirmar que a perspectiva problemática atrela-se, de forma indissociável, à essência da investigação filosófica. Aparentemente haveria oposição entre o labor do historiador, que pesquisa a verdade *sub specie temporis* e o do filósofo, que indaga por ela *sub specie aeterni*. No entanto, frisa o pensador italiano, embora esta última seja a tarefa do filósofo, a ela não pode chegar senão pela estreita via da pesquisa histórica, pois a razão humana, na sua essência, está prenhe de temporalidade. A filosofia pensada como sistema apresenta esse viés aparente da permanência. Mas a esta dimensão somente se chega meditando na filosofia como problema, portanto como reflexão diretamente vinculada à problematidade temporal do homem, de onde emergem as grandes questões que dão à filosofia a sua permanência e atualidade ao longo dos séculos.

A respeito deste ponto, escreve Mondolfo: "Com efeito, podemos distinguir um duplo aspecto na filosofia, conforme ela se apresente como problema ou como sistema. Como sistema, é evidente que o pensamento filosófico, apesar de sua pretensão, sempre asseverada, de uma contemplação *sub specie aeterni*, não consegue, na realidade, afirmar-se a não ser *sub specie temporis*, isto é, necessariamente vinculado à fase de desenvolvimento espiritual própria de sua época e de seu autor, e destinado a ser superado por outras épocas e outros autores sucessivos. Ao contrário, quanto aos problemas que suscita, o pensamento filosófico, ainda que esteja sempre subordinado ao tempo em sua geração e desenvolvimento progressivo, apresenta-se, no entanto, como uma realização gradual de um processo eterno. Com efeito, os sistemas passam e caem; porém, os problemas formulados sempre permanecem como conquistas da consciência filosófica, conquistas imperecíveis, apesar da variedade das soluções tentadas e das formas pelas quais tais problemas são propostos, pois esta variação representa um aprofundamento progressivo da consciência filosófica. Dessa maneira, a reconstrução histórica do desenvolvimento da filosofia aparece como um reconhecimento do caminho percorrido pelo processo de formação progressiva da consciência filosófica, o que vale dizer, como uma conquista da autoconsciência".(15)

O pensador italiano considera que já na filosofia grega, notadamente na meditação aristotélica, havia uma certa *concepção historicista*, que prenunciava a idéia posteriormente elaborada por Vico de que "a natureza das coisas é o seu nascimento".⁽¹⁶⁾ Essa idéia estaria presente no seguinte trecho da *Política* de Aristóteles: "da mesma maneira que em qualquer outro campo, também neste conseguir-se-ia uma melhor intuição da realidade, se se considerassem as coisas no processo de seu desenvolvimento e a partir de sua primeira origem".⁽¹⁷⁾ Para o pensador italiano, este trecho já teria uma inspiração historicista, prenunciando Vico, mas também Hegel.

Consideramos, no entanto, generosa demais a apreciação de Mondolfo. O que Aristóteles destaca, ao nosso entender, é a concepção da política como decorrente da dinâmica da substância, aplicada ao corpo político como se se tratasse de uma *usía*. Como todos os seres vivos, o corpo político possui vida e é uma *enteléquia* (ou seja, possui uma finalidade inscrita na sua natureza substancial), responsável pelo seu desenvolvimento. Dever-se-ia respeitar, segundo o Estagirita, a natureza das sociedades humanas, de forma tal que não se impusesse um único modelo político a todas as sociedades. Cada uma delas teria a sua característica substancial e o regime político a ela apropriado deveria estar em consonância com essa forma. Essa seria a tese central da doutrina política aristotélica, não se podendo falar numa quebra do modelo de tempo circular próprio dos Gregos, nem muito menos numa concepção problemática da filosofia. num contexto historicista. Pressupor tal concepção em Aristóteles, implicaria em reconhecer nele a adesão a um modelo de tempo. linear e progressivo, que certamente não foi tematizado pelo grande metafísico. Parece-nos mais apropriada a visão desenvolvida por Werner Jaeger, segundo a qual em Aristóteles a natureza, não obstante o seu contínuo devir; "carece de história e a humanidade aparece condenada a percorrer um ciclo de eterno retorno, pela periódica destruição de sua civilização, em virtude das grandes catástrofes naturais que concluem os grandes anos cósmicos [...]".⁽¹⁸⁾

Em Hegel, no entanto, certamente encontra Mondolfo, e com razão, uma autêntica concepção historicista da filosofia, que salienta, ao mesmo tempo, o caráter construtivo, dialético e totalizante da meditação filosófica. Isso sem prejuízo das objeções que surgem, em face da rigidez do sistema hegeliano.

Mondolfo sintetiza com as seguintes palavras os aspectos positivos da contribuição hegeliana:

“O grande mérito de Hegel, com respeito à compreensão e valoração da história da filosofia, consistiu numa reivindicação do significado construtivo da mesma; reivindicação conseguida por meio da compreensão do processo histórico como processo dialético. O processo dialético representa para Hegel a forma do desenvolvimento de toda realidade; é um processo que se realiza por meio de oposições, porém, onde a luta dos contrários não significa uma destruição recíproca, mas uma progressiva integração realizada a cada momento novo em relação a seu oposto, que o precedeu. O movimento dialético atua num sentido, que Hegel expressa por meio do verbo alemão *aufheben*; o qual – como ele mesmo explica – tem os dois significados opostos de *eliminar* e *conservar*, que podem unificar-se na expressão *superar*. O movimento dialético, portanto, é um movimento de superação contínua, que se desenvolve numa sucessão de momentos, progressivas negações que se convertem em afirmações mais altas que os momentos negados, que são eliminados e conservados ao mesmo tempo. Neste processo dialético, por conseguinte, a oposição é o meio da continuidade do desenvolvimento; de um desenvolvimento, aliás, que não se realiza (como pensava Aristóteles) somente no sujeito, que toma conhecimento progressivo de uma realidade objetiva, sempre igual em sua

totalidade, apesar do movimento que se realiza em suas partes. Ao contrário, para Hegel, o desenvolvimento realiza-se na própria realidade absoluta, tanto quanto no conhecimento humano, que a conquista progressivamente; porque, no sistema hegeliano, a realidade absoluta é o espírito universal, que implica em si mesmo uma exigência de desenvolvimento infinito. De maneira que a conquista subjetiva do conhecimento não conduz, como no sistema aristotélico, a um objeto absoluto, estático, isto é, eternamente igual e imutável (cuja consecução assinalaria a detenção definitiva do processo histórico cognoscitivo, por haver atingido seu fim último), mas a um fim dinâmico, em desenvolvimento infinito, que leva consigo a infinitude do progresso cognoscitivo [...]"(19)

A concepção de Hegel, no entanto, considera Mondolfo, é passível de algumas objeções:

a) não é reconhecido o papel do erro no sistema hegeliano. Todos os sistemas seriam manifestações da lógica do espírito absoluto, sendo impossível reconhecer a falibilidade como caminho através do qual se chegue ao conhecimento da verdade; ora, isso contradiz a experiência mais comumente da construção do conhecimento, tanto no terreno da ciência quanto no que se refere ao senso comum;

b) Se cada momento constitui "uma necessidade lógica, em cada ponto do desenvolvimento histórico, assim como do dialético, deve apresentar-se uma única idéia, um único princípio, um único sistema [...]. Isto significa que ficaria excluída a pluralidade dos sistemas num mesmo momento histórico, assim como fica excluída a pluralidade das idéias num mesmo momento lógico";

c) A concepção hegeliana "tornaria também inadmissível toda a repetição de um mesmo momento, todo o retorno histórico do sistema ou escolas, que tenham pertencido a um tempo anterior";

d) A correspondência entre as séries lógica e histórica postulada por Hegel implica o fato de que deva se apresentar a mesma sucessão de momentos dialéticos no desenvolvimento lógico e no histórico. Em outras palavras, "a série de momentos que constitui o desenvolvimento lógico devia apresentar-se com a mesma ordem na sucessão dos sistemas filosóficos na história";

e) A mencionada correspondência entre as séries lógica e histórica exige que reduzamos cada um dos sistemas a uma idéia central ou princípio fundamental. Isso significa que o sistema de um determinado pensador não pode ser considerado em toda a intrincada teia de relações conceituais de que é constituído. Cada sistema deve ser reduzido a um esquema, a uma única idéia.

As objeções apontadas exigem que tenhamos uma atitude de cautela face ao historicismo de Hegel. Trata-se, certamente, de uma concepção rígida demais. Isso não significa, no entanto, que deva ser desconhecida a grande contribuição dada à pesquisa da filosofia pelo filósofo alemão. A essência dela consiste em ter definido claramente a dimensão histórica da razão humana e, conseqüentemente, da meditação filosófica. Na proposta historicista de Hegel, frisa Mondolfo:

"... encontramos uma valoração da história muito eficaz [...] contra todo o anti-historicismo, toda a concepção negadora da continuidade histórica, toda a asseveração da arbitrariedade e acidentalidade do processo histórico. A concepção hegeliana ensina-nos que, no processo de desenvolvimento da história da filosofia os sistemas não surgem ao acaso, sem

razão ou fundamento histórico, mas que a sucessão dos mesmos, longe de apresentar-se carente de conexões, está total e intimamente conexa em seu desenvolvimento.

A história da filosofia não pode, de maneira alguma, ser considerada como uma sucessão de criações contraditórias, que negam cada uma o que a outra afirmava, ou constróem ao seu bel-prazer um edifício destinado a ser derrubado, a fim de deixar seu lugar para outra construção, que será igualmente demolida como produto arbitrário de uma fantasia caprichosa...”(20)

Estabelecida a crítica de Mondolfo à excessiva rigidez tema hegeliano, a lição que podemos tirar para a fundamentação da meditação filosófica e da sua investigação é importante: o pensamento filosófico ocorre numa dimensão histórica em que pode ser flagrada uma continuidade dos temas das grandes questões, em que pese a indeterminação ensejada pela liberdade humana. Os homens respondem livremente às indagações a que são conduzidos pelos problemas. Mas essa indagação e essas respostas são efetivadas no contexto da tradição histórica recebida dos seus antepassados; o *lógos* filosófico e a sua pesquisa não ocorrem, portanto, num vácuo cultural, mas num contexto definido basicamente como histórico.

Mondolfo conclui da seguinte forma as suas reflexões em face do historicismo hegeliano:

“... o processo de desenvolvimento do pensamento filosófico tem uma continuidade real, na qual os momentos sucessivos estão estreitamente vinculados um ao outro. Porém, esta vinculação não significa, por outro lado, a preparação progressiva de um sistema determinado. A vinculação, que existe entre cada momento do desenvolvimento histórico e os anteriores e sucessivos, consiste no aprofundamento e no desenvolvimento progressivo dos problemas formulados pela consciência filosófica. O que nunca se perde na sucessão dos sistemas filosóficos é a consciência dos problemas. No desenvolvimento progressivo e no aprofundamento contínuo desta consciência dos problemas realiza-se um processo, que tem uma necessidade interior, tal como o afirmava Hegel; porém, que tem também uma contingência, que permite tanto irregularidades e interrupções quanto uma multiplicidade de desenvolvimentos paralelos, e procede da livre espontaneidade do espírito de cada filósofo.”(21)

Mondolfo considera que quando se aborda o estudo da filosofia do ângulo histórico, é necessário levar em consideração a complexidade de tal abordagem. Pois não se pode cair no vício do monocausalismo para explicar a emergência dos sistemas filosóficos. Há, efetivamente, um acúmulo complexo de causas que se entrelaçam na aparição de um determinado sistema. O pensador italiano classifica quatro grupos de condições e influências, que devem ser levados em consideração pelo pesquisador:

a) A influência dos elementos e das condições que procedem do próprio desenvolvimento interior do pensamento filosófico;

b) A intervenção de ações alheias ao próprio campo da filosofia, mas que terminam influenciando sobre ela, em virtude da unidade do espírito humano e do seu desenvolvimento cultural ao longo da história. Estas ações podem provir de múltiplos fatores, como por exemplo as condições históricas gerais, as variáveis sócio-políticas, a própria evolução da cultura (no terreno do progresso das ciências, das artes, do movimento religioso, etc.);

c) As influências que procedem de fortes personalidades capazes de imprimir um novo rumo às questões culturais. d) A ressurreição de velhas orientações, que se consolidam

no aparecimento de tendências classificadas como *neo* (neopitagorismo, neoplatonismo, neotomismo, neo-hegelianismo, etc.).

A conclusão que o autor tira destas considerações é clara: somente pode ser feita uma autêntica história da filosofia, a partir de um pano de fundo de reconstrução cultural, que levante as principais variáveis presentes no evoluir do pensamento filosófico. Ou seja: a história da filosofia deve repousar num pano de fundo mais amplo de uma história da cultura. Foi o que tentaram fazer historiadores eruditos do tipo de Teodoro Gomperz (na sua obra intitulada *Pensadores Gregos*) ou o próprio Windelband (na *História da Filosofia Moderna em sua conexão com a Cultura Geral* e com as *Ciências Particulares*). Longe dessa exigência de reconstrução do pano de fundo cultural sobre o qual emergem as grandes questões filosóficas, situa-se o vício do que Ortega y Gasset denominava de "a barbárie do especialismo", em que mergulham os que pretendem se tornar especialistas de determinada disciplina filosófica, ignorando o largo curso da cultura ocidental.

A propósito da complexidade exigida pela história da filosofia ou pela história das ciências em geral, escreve Mondolfo: "Não se compreende plenamente o desenvolvimento histórico da filosofia, isolando-o de todo o conjunto da história da cultura e da evolução espiritual da humanidade; neste sentido, nem a história da filosofia, nem nenhuma outra história particular podem separar-se do processo de desenvolvimento do espírito humano; na multiplicidade e unidade de seus aspectos".(22)

O pensador italiano lembra que a mencionada complexidade decorre de um fator ontológico: a complexidade do ser humano que é, na sua essência, histórico. Mondolfo alicerça a sua afirmação nas seguintes palavras de Benedetto Croce, tiradas da obra intitulada *Teoria e Storia della Storiografia*: "será sempre impossível entender algo do processo efetivo do pensar histórico, se não se parte do princípio de que o espírito humano é história, e em cada seu momento é autor de história e simultaneamente resultado de toda a história anterior; assim, o espírito encerra em si toda sua história, que, a seguir, coincide consigo mesmo".(23)

Mas se toda obra humana é essencialmente histórica e são inúmeras as variáveis que se entrecruzam em todo trabalho de pesquisa histórica, qual será o norte que possibilita ao historiador da filosofia se guiar no emaranhado de influências sofridas pelos autores? Mondolfo formula, no final da sua obra, o princípio heurístico que deve nortear a pesquisa historiográfica no terreno da filosofia: trata-se de reviver o caminho seguido pelo pensador estudado, indagando pelos problemas que ele pretendia resolver, analisando a forma como ele respondeu a esses problemas e elencando, também, aqueles que porventura não tivesse conseguido equacionar.

Eis a forma em que Mondolfo coloca o seu princípio heurístico:

“Devemos reviver em nossa consciência a experiência filosófica da humanidade passada, tanto em seu conjunto, quanto na individualidade de cada pensador. E para viver de novo cada sistema temos que realizar o máximo esforço, a fim de colocarmo-nos na situação espiritual em que se encontrava o filósofo que o criou, isto é, temos que reproduzir em nossa interioridade a consciência dos problemas que preocupavam a sua época, assim como as exigências particulares de sua personalidade, compenetrando-nos de seu processo de formação e de sua vida interior. E quando, nos filósofos que são objeto de nosso estudo, esta vida interior (tiver sido] muito intensa e ativa, deparamo-nos geralmente com um movimento contínuo de aprofundamento, renovação e evolução espirituais, que reúne, por assim dizer,

múltiplas personalidades sucessivas numa única pessoa, o que complica e dificulta a tarefa do intérprete que procura a reconstrução histórica.”(24)

Mondolfo lembra que nesse estudo historiográfico da filosofia há um aspecto fundamental: o progresso contínuo do espírito humano. Mas esse fato não invalida as conquistas dos nossos antecessores. Elas serão sempre importantes, como a escada que nos possibilitou subir mais alto para enxergar melhor o horizonte e sem a qual não conseguiríamos entender o curso da história do pensamento. Continua presente, aqui, a fé filosófica de Hegel no progresso do espírito humano. A respeito, escreve Mondolfo:

“Naturalmente, não ficam anulados ou destruídos os resultados das investigações e intuições de Hegel ou de Zeller, ou de outros grandes historiadores, por serem superados pelas indagações sucessivas, cuja realização foi condicionada e estimulada por eles próprios. O processo de superação, como pensava Hegel, sempre outorga uma verdade mais profunda ao que foi superado, o qual permanece vital e ativamente nas raízes dos novos resultados, cuja obtenção tornou possível, impulsionando os para a sua realização. Neste aspecto, devemos expressar nosso respeito e reconhecimento para com os grandes historiadores do passado, cujo estudo será sempre ponto de partida e fonte de fecundas sugestões - positiva ou negativamente, por meio da aceitação ou da oposição que provoca, das soluções que indica ou dos problemas que formula para os novos investigadores.”(25)

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

I – CONCEITO E ESTRUTURA DA FILOSOFIA

1. C
2. A
3. D
4. A

II – PLATÃO E ARISTÓTELES

1. C
2. B
3. A
4. D

III – PRESERVAÇÃO DA PERSPECTIVA TRANSCENDENTE

1. D
2. C
3. B
4. A

IV – PRINCIPAIS LINHAS DA FILOSOFIA MODERNA

1. A
2. B
3. D
4. C

V – A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

1. C
2. A
3. D
4. B